



O CARÁCTER COSMOPOLITA DO ESTOICISMO

Aldo Dinucci

Em um tempo pródigo em racismos, misoginia, homofobia, nacionalismos e fanatismos, chamam a atenção certos aspectos do cosmopolitismo da filosofia estoica, não só o teórico, mas sobretudo o real. Efetivamente, como veremos a seguir, nenhuma filosofia da Antiguidade atraiu para os seus quadros pessoas de tão diferentes etnias, gêneros, classes sociais e orientações sexuais.

Zenão de Cítio¹, o fundador do Estoicismo, era um mercador proveniente de Cítio, cidade localizada na ilha de Chipre, e de origem fenícia. Não sabemos muito hoje sobre a etnia fenícia, nem mesmo se compreendia uma só etnia ou se várias, mas somos informados por Diógenes Laércio (7.1) que Zenão era *melanchroos*². Os tradutores costumam verter esse termo por “moreno”, “bronzado”, mas ele significa literalmente “de cor negra”. Os fenícios eram hábeis comerciantes, sua civilização (que floresceu entre 1500 e 300 a.C.) se espalhava nas costas ocidentais da África, no norte da antiga Canaã, nas costas do Líbano atual. Sendo Zenão de origem fenícia e de tez negra, teríamos no estoicismo uma filosofia que tem a África como uma das matrizes. Zenão tinha preferência por rapazes em seus relacionamentos amorosos, embora tenha deitado duas vezes com uma moça para não ser considerado misógino, como nos informa novamente Diógenes Laércio (D.L. 7.13).

¹ 334 a.C. - 262 a.C. 1º fundador e 1º escolarca do Estoicismo.

² Esse fato chamou a atenção minha e de Valter Duarte (atualmente doutorando pela UFF) há alguns anos atrás durante nossas pesquisas conjuntas em estoicismo.

Seu sucessor na escola estoica foi Cleantes de Assos³. Originalmente lutador de boxe e de origem humilde, carregava água das fontes para as casas a fim de ganhar o pão (D.L. 7.168). Assos era uma cidade nas costas da Turquia, fundada por colonos de Lesbos no século VII a.C. e depois dominada pelos Persas.

Crisipo, terceiro escolarca do Estoicismo, era natural de Sólis, colônia de Rodes fundada nas costas da Turquia no século VII a.C.

Diógenes da Babilônia⁴ (ou da Selêucia), o quarto escolarca do Pórtico, foi um dos três filósofos enviados a Roma, em 155 a.C., para apelar pelo cancelamento de uma multa, agradando os ouvintes romanos⁵ com seus discursos e abrindo as portas da Itália para o estoicismo. Nascido na Babilônia (região do Iraque atual), ou mais exatamente em Selêucia, cidade babilônica às margens do Tigre, foi educado em Atenas por Crisipo.

Diógenes da Babilônia foi sucedido na direção da Escola Estoica por Panécio de Rodes⁶, que foi o sétimo e último escolarca em Atenas. Tornando-se amigo de Cipião Emiliano, introduziu o estoicismo em Roma. Públio Cornélio Cipião Emiliano Africano Numânio viveu entre 185 e 129 b.C. e foi duas vezes cônsul romano, em 147 BC e 134 a.C. Após a morte de Panécio, houve uma diáspora dos estoicos por todos os domínios romanos, e diversas escolas foram abertas em diferentes partes do império.

Possidônio de Rodes ou de Apameia (ca. 135 a. C. - 51 a.C.) foi o escolarca do Pórtico em Rodes. Filósofo estoico, político, astrônomo, geógrafo, historiador e professor, era tido como o maior polímata de sua época. Aluno de Panécio, Possidônio, segundo algumas fontes, teria se aproximado da cultura judaica, citando eventos relacionados ao *Antigo Testamento* (cf. *fragmentos E-K* de Possidônio)⁷.

Após a introdução do estoicismo em Roma, surgiram vários estoicos romanos, que acabaram por formar a famosa Oposição Estoica, movimento

³ Ca. 330 a.C - ca. 230 a.C. 2º escolarca da Escola Estoica, aluno e amigo de Zenão.

⁴ Ca. 230 a.C. - ca. 150/140 a.C.

⁵ Aulo Gélio, *Noites Áticas*, vii. 14; Cícero, *Academica*, ii. 45.

⁶ Ca. 185 - ca. 110/09 a.C.

⁷ Cf. Bezalel Bar-Kochva. *The Image of the Jews in Greek Literature. The Hellenistic Period*. California: University of California press, 2016. Devo essas informações sobre Possidônio ao caro Eduardo Boechat, grande especialista em Possidônio.

republicano que se opunha sistematicamente aos imperadores romanos tirânicos.

Catão, o velho⁸, se opôs inicialmente à difusão da cultura grega em Roma. Entretanto, seu bisneto, Catão, o jovem⁹, viria a se tornar o mais célebre estoico romano ao cometer suicídio por se recusar a aceitar a destruição da República e a ascensão de Júlio César. Após Catão, sucederam-se vários estoicos romanos, que se tornaram mártires republicanos, tais como Júlio Cano (fl. 30), filósofo estoico condenado à morte por Calígula; Trásea Peto (ca. 10 - 66), senador romano e estoico, condenado à morte por Nero; Pacônio Agripino (fl. 60), acusado junto com Trásea e banido da Itália por volta de 67 d.C.; Helvídio Prisco (fl. 65), filósofo estoico e político condenado à morte por Vespasiano. Epicteto assim relembra uma conversa entre Prisco e Vespasiano:

Quando Vespasiano enviou-lhe um pedido para que não comparecesse ao Senado, Prisco respondeu: “Depende de ti não me permitir ser senador. Mas, na medida em que eu o for, devo comparecer”.

– Vai, disse Vespasiano, porém, ao comparecer, fica em silêncio.

– Não me interrogues e ficarei silêncio.

– Mas devo interrogar-te.

– E devo dizer o que se me afigura justo.

– Se falares, te condenarei à morte.

– Quando eu te disse que sou imortal? Tu farás o que é teu, eu farei o que é meu. É teu condenar-me à morte. É meu morrer sem tremer. É teu condenar-me ao exílio. É meu retirar-me sem me afligir¹⁰.

Roma trouxe outra novidade para a filosofia estoica: o Pórtico¹¹ agora conclamava as mulheres a estudar filosofia¹². De fato, se uniram à Oposição

⁸ Ca. 234–149 a.C.

⁹ Marcos Pórcio Catão de Útica viveu entre 95 a.C. (Roma) e abril de 46 a.C. (Útica).

¹⁰ *Diatribes* 1.2.19 ss. (Minha tradução).

¹¹ O ESTOICISMO, O PÓRTICO E A STOA: Um pórtico (*porticus*, em latim) em uma cidade grega ou romana da Antiguidade era um passeio coberto com um teto sustentado por colunas. Os pórticos, originalmente construídos ao redor dos templos para que os devotos se encontrassem e conversassem, passaram, com o tempo, a ser independentes, de modo a atenderem a todas as necessidades da vida pública à qual os gregos e romanos se dedicavam intensamente. Muitos desses pórticos eram construídos ao longo dos locais de assembleia (ágoras), e eram extremamente luxuosos, com esculturas e obras de arte dos mais famosos artistas. Na maioria dos pórticos havia assentos que eram assiduamente frequentados pela intelectualidade de então, que aí entabulava suas conversações. A escola estoica deve seu nome ao fato de que seu fundador, Zenão de Cítio, reunia-se com seus discípulos numa *stoa* (a palavra grega para

Estoica e ao estoicismo mulheres como Pórcia¹³, filha de Catão de Útica, e Fânia, filha de Trásea Peto¹⁴. Por suas posições republicanas, Fânia foi condenada ao exílio por Domiciano em 93. O período imperial também apresentou os maiores contrastes de classes sociais entre os estoicos, indo desde nosso Epicteto de Hierápolis¹⁵, ex-escravo, também condenado ao exílio ao exílio por Domiciano em 93, passando por Caio Musônio Rufo¹⁶, professor de Epicteto, da classe equestre, muito ativo politicamente e relacionado à Oposição Estoica, várias vezes condenado ao exílio¹⁷, Lúcio Aneu Sêneca¹⁸, da classe senatorial, até chegar a Marco Aurélio Antonino¹⁹, grande imperador romano e célebre estoico.

Com o fim do Império Romano, o interesse pelo estoicismo deslocou-se para Bizâncio: pelo menos três paráfrases cristãs do *Encheiridion de Epicteto* nos chegaram, uma falsamente atribuída a Nilo, outra conhecida como *Paraphrasis Christiana* e outra que se encontra no manuscrito *Vaticanus gr. 2231*²⁰. Em 1605, um missionário jesuíta postado na China de nome Matteo Ricci publicou uma tradução de parte do *Encheiridion* em ideogramas chineses por ver em Epicteto uma ponte entre o pensamento cristão e o confuciano²¹. A edição acabou por agradar enormemente aos budistas.

“pórtico”), mais exatamente na *Poikele Stoa*, o Pórtico Pintado de Atenas, que continha pinturas de famosos artistas.

¹² Por exemplo, as diatribes 3 e 4 de Musônio Rufo.

¹³ Vejam aqui um excelente texto de Donald Robertson sobre Pórcia, traduzido por Donato Ferrara:

<https://devitastoica.com/2017/12/31/as-mulheres-estoicas-1-porcia-donald-robertson/#more-13172>

¹⁴ Vejam aqui um excelente texto de Donald Robertson sobre Fânia, traduzido por Donato Ferrara:

<https://devitastoica.com/2018/01/02/as-mulheres-estoicas-2-fania-donald-robertson/#more-13175>

¹⁵ 55 - 135. Célebre estoico de quem nos chegaram muitas obras. Fundou uma escola em Nicópolis.

¹⁶ Ca. 30 d.C. - 90 d.C.

¹⁷ Vejam aqui minha tradução dos seus fragmentos precedida de nota biográfica:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31732012000300015

¹⁸ Ca. 4 a.C. - 65 d.C. Também condenado à morte por Nero em 65.

¹⁹ 26 de Abril de 121 - 17 de março de 180. Imperador romano entre 161 e 180. Reinou com seu irmão Lúcio Vero entre 161 e 169 (quando Vero veio a falecer).

²⁰ Os códices e o texto grego destas paráfrases foram analisados por Boter (1999), a quem remetemos o leitor para um exame detalhado.

²¹ Cf. SPALATIN, SPALATIN, C. A. *Matteo Ricci's use of Epictetus*. Korea: Waegwan, 1975, p. 226. Sobre a história da recepção e transmissão do *Encheiridion* de Epicteto da Antiguidade aos nossos dias, vejam meu texto publicado na revista de história Fênix: http://www.revistafenix.pro.br/PDF31/ARTIGO_2_SECAO_LIVRE_ALDO_DINUCCI_FENIX_JAN_J_UL_2013.pdf

O interesse pelo estoicismo jamais cessou. Onde quer que os textos dos estoicos se tornam disponíveis, logo surgem interessados, de todas as etnias, credos e gêneros, para estudá-los e aprender com eles²².

O estoicismo não é casualmente cosmopolita. Tal se deve à sua própria doutrina de caráter humanista, segundo a qual os humanos constituem uma grande irmandade. Para os estoicos, vivemos em uma grande cidade cósmica, habitada por Deuses e humanos. Como nos diz Epicteto: “Não és tu humano? Parte da cidade: da primeira, dos Deuses e dos humanos, depois desta que é dita a mais próxima, que é uma pequena imitação da totalidade?” (Epicteto, *Diatribes* 2.5.27 – minha tradução). A tese da irmandade de todos os homens se desenrola com simplicidade a partir daí: se vivemos em uma grande cidade universal dirigida pelos Deuses, e se os humanos são filhos dos Deuses, então os humanos são todos irmãos. Essa visão se opõe e se opõe à desigualdade entre os humanos e à escravidão. Epicteto deixa isso claro em uma de suas diatribes:

Quando, ao pedires água quente, o pequeno servo não te obedecer; ou, se obedecer, trazer água morna; ou nem a encontrar na casa, não é agradável aos Deuses não se irritar nem gritar?

– Então como suportar coisas tais?

– Prisioneiro, não suportas teu próprio irmão, que possui Zeus como ancestral, que é igualmente filho <de Zeus>, gerado a partir das mesmas sementes e da mesma sementeira dos céus? Se foste designado a tal posto de proeminência, imediatamente estabelecer-te-ás como um tirano? Não lembras quem és e quem comandas? <Não lembras> que são teus congêneres, que são por natureza teus irmãos, que são descendentes de Zeus?

– Mas eu os comprei, e eles não me compraram.

– Vês para onde olhas? Que <olhas> para a terra, para o precipício, para essas miseráveis leis dos mortos – e não para as leis dos Deuses?²³

²² Como observa Donato Ferrara, há várias iniciativas para promover a difusão do estoicismo no mundo atual (vejam links aqui: <http://socientifica.com.br/2017/10/redescobrimos-uma-entrevista-com-aldo-dinucci/>), sem mencionar nossa própria iniciativa de formar o Pórtico de Epicteto, que reúne vários pesquisadores e admiradores do pensamento de Epicteto no Brasil (cf. nosso link aqui: <https://seer.ufs.br/index.php/Epictet>).

²³ Epicteto, *Diatribes*, 1.13.2-5.